

# O ENSINO DE FILOSOFIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA PÓS PANDEMIA: A VOLTA DO ENSINO PRESENCIAL

*PHILOSOPHY TEACHING IN BASIC EDUCATION AFTER THE PANDEMIC: THE  
RETURN OF CLASSROOM TEACHING*

*LA ENSEÑANZA DE FILOSOFÍA EN LA EDUCACIÓN BÁSICA POSPANDEMIA: DE  
REGRESO A LA ENSEÑANZA PRESENCIAL*

Braulio Moraes Neto<sup>1</sup>

## Resumo

O presente artigo é um estudo de natureza bibliográfica e qualitativa acerca da temática: O ensino de filosofia na educação básica pós pandemia: A volta do ensino presencial, que surge no amadurecimento dos estudos do curso de segunda licenciatura em filosofia, tendo em vista o período pandêmico. Este trabalho tem por objetivo refletir acerca da disciplina de filosofia na volta às aulas presenciais em toda rede de ensino da educação básica, bem como os prejuízos que a pandemia causou no âmbito educacional. O tema possui relevância para estudo e reflexões devido a situação na qual passamos nos anos de 2020 e 2021, em que as escolas de educação básica passaram a adotar o ensino remoto e híbrido por conta do período pandêmico, na qual o sistema educacional de todo o país, obrigou-se na mudança da metodologia tradicionalmente adotada que era o ensino presencial. O ensino da Filosofia no currículo escolar é um desafio, para que se proporcione aos educandos um espaço de aprendizagem mais prazeroso e mais significativo, com a pandemia isso se tornou um espaço em que as atividades nos desafiassem constantemente a fazer o aluno a pensar, conhecer, informar-se e criticar, construindo o seu conhecimento. A metodologia utilizada foi de natureza bibliográfica acerca da temática acima citada, com resultados e conclusões que poderão servir de subsídios aos profissionais da educação, fazendo com que percebam a importância do ensino da filosofia na educação básica e de se buscar novas práticas e metodologias para o aluno no ensino remoto, híbrido ou presencial para além pandemia do covid-19.

**Palavras-chave:** ensino; filosofia; pós pandemia; ensino presencial; currículo escolar.

## Abstract

This article presents a bibliographical and qualitative study on the theme. The teaching of philosophy in basic education in the wake of the pandemic: The resumption of in-person instruction, which has emerged as a consequence of the maturation of the second-degree philosophy curriculum in light of the pandemic. The objective of this study is to examine the return of philosophy to the curriculum of basic education institutions, taking into account the impact of the pandemic on the educational sector. The topic is worthy of study and reflection due to the circumstances that prevailed in 2020 and 2021, during which time basic education institutions began to adopt remote and hybrid teaching methods in response to the pandemic. This resulted in a significant shift in the educational system's methodology, which was previously based on face-to-face instruction. The teaching of Philosophy in the school curriculum represents a significant challenge, with the aim of providing students with a more enjoyable and meaningful learning environment. In the context of the pandemic, this has become a space in which activities are constantly challenging students to think, know, inform, and criticize, thereby building their knowledge. The methodology used was bibliographical in nature with respect to the aforementioned theme, and the results and conclusions can serve as subsidies to education professionals, helping them to realize the importance of teaching philosophy in basic education and of seeking new practices and methodologies for students in remote, hybrid, or face-to-face teaching beyond the pandemic.

**Keywords:** teaching; philosophy; post-pandemic; classroom teaching; school curriculum.

## Resumen

El presente artículo es un estudio de naturaleza bibliográfica y cualitativa acerca de la temática: la enseñanza de filosofía en la educación básica pospandemia: de regreso a la enseñanza presencial, que surge de la profundización

---

<sup>1</sup> Académico no curso de Filosofia no Centro Universitário Internacional Uninter. E-mail: bm.neto@hotmail.com

de los estudios del curso de segunda licenciatura en filosofía, pensando en el periodo pandémico. Ese trabajo tiene por objetivo reflexionar acerca de la asignatura de filosofía en el regreso a las clases presenciales en toda red de enseñanza básica, así como los perjuicios que la pandemia causó en el medio educacional. Se trata de un importante tema para estudios y reflexiones debido a las situaciones pasadas en los años de 2020 y 2021, en lo cual las escuelas de educación básica adoptaron la enseñanza en línea, o híbrida, a causa de la pandemia, momento en que el sistema educacional de todo el país pasó por un gran cambio metodológico tradicional, que era de un aprendizaje presencial. La enseñanza de Filosofía en el currículo escolar es desafiadora, y para crearse un espacio de aprendizaje más placentero y significativo a los alumnos, con la pandemia ese espacio se cambió en un medio de actividades que desafiaba, constantemente, a los alumnos a pensar, conocer, informarse y criticar, construyendo su conocimiento. La metodología usada fue de naturaleza bibliográfica acerca de la temática presentada, con resultados y conclusiones que podrán ser subsidios a los profesionales de la educación, de modo que eses puedan darse cuenta de la importancia de la enseñanza de filosofía en la educación básica, asimismo, de buscar nuevas prácticas y metodologías para el alumno de la enseñanza en línea, híbrido o presencial después de la pandemia de la covid-19.

**Palabras clave:** enseñanza; filosofía; pospandemia; enseñanza presencial; currículo escolar.

## 1 Introdução

Esta pesquisa tem como tema: O ensino de filosofia na educação básica pós pandemia: a volta do ensino presencial. Delimitou-se e problematizou-se este tema da seguinte forma: A volta do ensino presencial tem relevância no processo de ensino aprendizagem e contribuirá nos prejuízos causados pelo ensino remoto e híbrido?

O tema de pesquisa decorre no que se percebe sobre a prática do ensino da disciplina de filosofia, no período pós pandemia, com a volta do ensino na educação básica de forma presencial.

O trabalho proposto se deve por acreditar que a escola é um espaço de aprendizagem, um lugar de pertencimento e acolhimento para que os educandos encontrem nela esperança e sonhos. A pandemia trouxe inúmeros prejuízos no campo educacional na oferta do ensino híbrido e remoto, principalmente com as defasagens de conteúdos, mesmo sabendo do grande esforço dos profissionais da educação e dos diversos meios tecnológicos que foram ofertados para tentar suprir e superar as deficiências da ausência do ensino presencial.

O objetivo geral foi verificar a importância da volta do ensino presencial, na educação básica, com vistas a superação das defasagens de ensino causado pelo ensino híbrido e remoto. Além disso, contribui no processo de ensino e na vida do aluno e que possa refletir sobre a mesma e apresentar ao final do estudo contribuições à compreensão do tema em foco. Dessa forma, a pesquisa visa colaborar para que a comunidade escolar possa refletir sobre como a pandemia agravou o processo de ensino nas diversas redes de ensino do país e o que poderia ser feito para minimizar o efeito pós pandemia.

## 2 O ensino de filosofia na educação básica pós pandemia: a volta do ensino presencial

Durante o período da pandemia, observou-se mudanças nos hábitos da sociedade em geral, vários setores foram prejudicados, tudo parou de repente e as pessoas, sem saber direito o que estava acontecendo, se viram diante de um abismo. O contato com outras pessoas passou a ser evitado e as relações interpessoais também tiveram que mudar, sem abraços, sem beijos e uso de máscara passaram a ser obrigatórios, a saúde, a economia no país também foram muito afetadas.

A pandemia deu-nos a oportunidade de refletir a importância do processo educativo de forma presencial no sentido de que o currículo seja de fato garantido.

Mas a pandemia traz a lume outras características que se vinculam ao novo perfil necessário ao ser professor neste novo tempo. Para além do uso das tecnologias, mudanças também ocorreram na forma como os profissionais têm interagido e lidado com o período de isolamento social. Nesse sentido, “[...] a profissão docente [...] é aquela em que os profissionais devem enfrentar o desconhecido e a mudança permanente”. (Le Boterf, 2003, p. 58).

O grande legado que a pandemia deixou à educação foi a tomada de consciência de que nossos problemas educacionais são, antes de tudo, problemas de desigualdade social. Embora a função social da escola não seja de assistência social, e sim de garantir aprendizagens, ela tem papel fundamental de acionar a rede de proteção, por sua capilaridade e contato diário e porque, para garantir aprendizagens, precisa olhar para o estudante como um todo.

A concepção de aprendizagem que nossa sociedade tem é limitada e desconsidera outros desenvolvimentos significativos que crianças e adolescentes tiveram ao longo da pandemia.

Sabe-se que, de acordo com estudos feitos sobre o impacto da pandemia, muitos estudantes perderam o vínculo escolar em 2020 e 2021; e a volta do ensino presencial vem contribuir para diminuir esse impacto e buscar novas formas de superação dessas defasagens que tanto assola as escolas, principalmente com dificuldades de aprendizagem e a defasagem de conteúdo do currículo. Após pesquisa, segundo o Instituto DataSenado, atrelado ao Senado Federal, ficou claro que no ensino;

A partir das falas dos participantes, é possível identificar o quanto a mudança da rotina afetou a aprendizagem das crianças e adolescentes. A principal percepção dos participantes em todos os grupos realizados é que 2020 e 2021 foram anos perdidos para a educação, resultando em consequências graves no longo prazo. (DATASENADO, 2022)

A sociedade caracterizada no século XX, como sociedade de produção em massa, “transforma-se e passa, no final do século, a ser designada sociedade do conhecimento” (Toffler, *apud* Behrens, 2000, p.42). De fato, o elevado grau de competitividade ampliou a

demanda por conhecimentos e informações e, em decorrência, a educação foi eleita como estratégia para fazer face à velocidade das mudanças. A escola tradicional, a educação formal, as antigas referências educacionais tornaram-se obsoletas. (Moraes, 2009, p. 588)

Na sociedade de produção em massa, as práticas pedagógicas levaram, de forma geral, à reprodução do conhecimento, à repetição, à memorização e à cópia. Já na sociedade do conhecimento, altera-se a velocidade de desenvolvimento da ciência e da tecnologia extrapolando a concepção dos enciclopedistas em relação à evolução do conhecimento humano. (Carvalho, 1987, p. 34)

Behrens (2000, p. 45) ressalta que o ensino, como construção de conhecimento, propõe o envolvimento do aluno no processo educativo. A exigência de tornar o sujeito cognoscente valoriza a reflexão, a curiosidade, o espírito crítico, a incerteza, a provisoriedade, o questionamento e exige reconstruir a prática educativa proposta em sala de aula.

Os professores tiveram papel desafiador na luta por manter as aulas e o vínculo com os alunos. Não ir à escola, nem ver ou brincar com os amigos, tem um efeito muito negativo no desenvolvimento cognitivo e emocional de uma criança.

A socialização dos estudantes por meio digital cresceu de tal forma e por tanto tempo que a profundidade do vínculo entre os estudantes e os smartphones, iPads e computadores, e o padrão de interação deles com o mundo externo tornou-se essencialmente ‘figital’ (físico + digital).

O ensino da Filosofia, ou qualquer outra disciplina, que fazem parte do componente curricular, é um desafio para que se proporcione aos educandos um espaço de aprendizagem mais prazeroso e mais significativo. Um espaço em que as atividades desafiem constantemente o aluno a pensar, conhecer, informar-se e criticar, construindo o seu conhecimento.

O ensino da Filosofia, no entanto, aparece como um tabu, até mesmo entre os educadores que defendem a visão corporativa e muitas vezes apegada à defesa de um conhecimento instrumental, apenas para o mercado do trabalho, para atender as necessidades do desenvolvimento econômico. Cabe a ela criar condições necessárias para que a escola se torne o espaço da resistência à hegemonia do pensamento único, que nos apresenta como única opção – a adaptação. Entretanto, não devemos exigir da filosofia que transforme o mundo, mas que conduza ao indivíduo à consciência de si, preparando, quem sabe, a uma nova tomada de consciência e transformação social.

O papel da escola na volta às aulas presenciais é prover uma experiência de aprendizagem que vá além da repetição do conteúdo oferecidos nas plataformas digitais, e usar

a tecnologia a serviço do engajamento e do aprendizado. Corroborando com esse pensamento, Faria esclarece que:

É justamente nesse ambiente que devemos pensar a Filosofia, levando em consideração a disponibilidade de recursos tecnológicos e virtuais que estão, também, nas instituições de ensino básico do país e que devem fazer parte das estratégias pedagógicas da disciplina. (Faria, 2015, p. 09).

Não há como negar que a filosofia busca estimular a reflexão e o pensamento crítico dos alunos e pode contribuir a superar os preconceitos e o caráter fragmentário das aulas, revelando-nos a densidade de sentido que elas ocultam. A filosofia jamais será uma atividade totalmente neutra e descomprometida com a realidade.

A Filosofia foi aprovada, em julho de 2006, pela Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação (CNE), como disciplina obrigatória no currículo do Ensino Médio. Tal exigência se deu devido à percepção que educadores tiveram ao constatar os benefícios que a disciplina oferece aos educandos.

O componente curricular de filosofia, oportuniza o estudante a desenvolver um pensamento independente e crítico, ou seja, permite a ele experimentar um pensar individual. Sabe-se que cada componente curricular tem suas próprias características, bem como auxilia a desenvolver habilidades específicas do pensamento que é abordado.

A disciplina de filosofia é bastante questionada enquanto componente curricular, se faz necessário que os educadores se conscientizem de que o ensino não deve ser considerado como uma disciplina a mais a ser ensinada. O ideal é que o professor que tem a responsabilidade de lecionar, tenha em mente o quanto é necessário fazer com que seus alunos não fiquem dependentes de livros didáticos, no sentido de não tender para as tão famosas “decorebas” de ideais e autores nas quais tem conhecimento.

Manter e praticar a filosofia como diálogo significa considerá-la como tendo um fim que se projeta no infinito. Assim, a filosofia existe de forma radicalmente paradoxal: não pode existir senão na perspectiva da busca da verdade, a qual é inatingível e por tal condição contesta toda justificativa de existência da filosofia, mas isso não nega, não anula a filosofia, mas, absurdamente, a faz prosseguir, justamente na sua busca absurda, porque infinita, porque não cabe nos horizontes humanos. (Goto, 2009, p.107)

A reflexão que aqui se faz diz respeito ao ensino da filosofia na educação básica, onde se concentra o estudo, mostrando que a Filosofia é fundamental a todos os tipos de aquisição de saberes, é aberta, flexível sem se limitar a um nível de escolaridade, ou seja, se faz necessário

desde a educação infantil ao ensino médio, porém, exige uma postura crítica e disciplina intelectual.

Podemos estabelecer uma profunda ligação entre o princípio epistemológico elementar da Filosofia e seu objetivo, que ofereça ao educando possibilidades de pensar por si mesmo, desenvolvendo consciência crítica e filosófica. O educando deve aprender a entender a gostar da filosofia, sempre compreendendo sua importância. A formação continuada dos docentes de Filosofia se faz necessário, bem como devemos reconhecer o esforço coletivo de reflexão e de produção de novos materiais, assegurando tratamento disciplinar e contextualizado para os conhecimentos de Filosofia. (Lipman, 2001)

A Filosofia com sua finalidade de ensinar-nos as virtudes, princípios do bem-viver, que estudando as paixões e os vícios humanos, a liberdade e a vontade, e analisando a capacidade de nossa razão para impor limites aos nossos desejos e paixões, nos ensinará viver com outros seres humanos. A filosofia sendo atitude crítica é, portanto, um dizer não ao senso comum, um interrogar a tudo, inclusive a nós mesmos e a nossas atitudes, é a indagação, a reflexão, o pensamento sistemático. Para o MEC, “há, com certeza, uma contribuição decisiva da Filosofia para o alcance dessas finalidades: ela nasceu com a declarada intenção de buscar o Verdadeiro, o Belo, o Bom” (Brasil, 2000, *apud* Faria, 2015, p.156).

Contudo, para focalizar esse processo na educação, é preciso perguntar sobre a preparação do educador: se o educador não está convencido sobre a importância da filosofia, dificilmente ele conseguirá demonstrar essa importância aos demais. O papel fundamental do educador é ser elo entre a autorreflexão individual e a educação social, ambas são aspectos práticos da emancipação social e humana.

A educação, por meio de nossos educadores, deve servir de ponto de partida para alavancar alternativas para uma melhor convivência, e não servir de suporte para modelos econômicos exploradores que privilegiam alguns de classes e clãs escolhidos. Se o mundo é de todos, deve servir também a todos.

O espírito competitivo e conflitivo é fruto dos vícios da arrogância e da soberba, e leva o homem para a decadência. O caminho da humanidade é o justo meio, uma busca para encontrar um ponto intermediário entre os extremos.

A reflexão filosófica e o ensino de filosofia na educação básica são importantes para organizar as ideias e desenvolver uma postura mais ativa perante o mundo, fatores essenciais para formar cidadãos ao invés de meros consumidores.

Apesar de se ter consciência de que a introdução da filosofia no currículo das escolas é um caminho que abre as portas para a tarefa de educar bem o cidadão, a legislação que

regulamenta o ensino de filosofia é bastante recente. Até 1968 a filosofia era matéria optativa, sendo excluída em 1971, durante o período da ditadura militar.

Em 1971, as disciplinas de filosofia e de sociologia deixaram de ser lecionadas nas salas das escolas de ensino médio por determinação da ditadura militar. Somente em 1997 o ensino da filosofia tornou-se novamente obrigatório por força da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Desde 2006, o Conselho Nacional de Educação (CNE) tem resolução que torna obrigatório a filosofia no ensino médio. A nova determinação salienta que:

O tratamento disciplinar da Filosofia no Ensino Médio é condição elementar e previa para que ela possa intervir com sucesso também em projetos transversais e, nesse nível de ensino, juntamente com as outras disciplinas, possa contribuir para o pleno desenvolvimento do educando, tanto em seu preparo para o exercício da cidadania como em sua qualificação para o trabalho, como reza a LDB. (Brasil, 2006, p.15, *apud* Faria, p. 153).

O ensino da filosofia sugere uma concepção pedagógica fundamentada nas construções dos saberes, que aponte para os educandos no período final da educação básica condições de reconhecer e confrontar as diversas situações por meio de enfoques para o diálogo crítico, fundamentado e consciente “e esta rigorosidade metódica não tem nada que ver com o discurso “bancário” meramente transferidor do perfil do objeto ou do conteúdo” (Freire 2002, p.28).

O ensino da filosofia, mais que uma introdução à..., deve favorecer uma espécie de despertar da consciência sobre si mesma e sobre o mundo que ela doa sentido. Não importa a estratégia de ensino adotada, se um curso de Filosofia de caráter temático, ou baseado na História da Filosofia. O importante é que esse ensino de Filosofia consiga conduzir os alunos a “experiência do pensar” sem distorcer o próprio sentido do pensar e do dizer dos pensadores, nem matar o desejo de filosofar no aprendiz, intoxicando-o de sistemas, conceitos e nomes sem sentido e vínculo com suas experiências existenciais (Ferreira Jr., 2011). Mesmo que nessa sociedade do espetáculo, de cultura jornalística, o ensino da Filosofia, enquanto experiência do pensar, seja insistentemente desvirtuado e degradado à condição de algo interessante, porém inútil, enquanto educadores que atuam no ensino da filosofia, ainda podemos deixar a última palavra com a Filosofia:

Povo miserável! É culpa minha se em vosso meio vagueio como uma cigana pelos campos e tenho de me esconder e disfarçar, como se fosse eu a pecadora e vós meus juizes? Vede minha irmã - a arte. Ela está como eu, caímos entre bárbaros e não sabemos nos salvar. Aqui nos falta, é verdade, justa causa, mas os juizes diante dos quais encontraremos justiça tem também jurisdição sobre vós, e vos dirão: Tendes antes uma civilização, e então ficareis sabendo o que a Filosofia quer e pode. (Nietzsche, 1978, p. 53)

Na educação a rotina dos profissionais da educação, tanto da rede pública e privada, não foram diferentes, tiveram que se adequar, mudando suas metodologias tradicionais em uma tentativa de se adaptar à nova realidade educacional, planejando suas aulas online por meio de plataformas de ensino oferecidos por suas redes de ensino.

Carlota Boto esclarece que a escola, pela corona vírus, finalmente chegou ao tempo da computação e da internet. Caberá às Faculdades de Educação, às Secretarias de Educação, enfim, a todos os educadores comprometidos com a educação pública integrarem e interpretarem esse processo. Quem não souber mergulhar na ocasião que a história nos coloca ficará para trás. São tempos muito tristes que, no entanto, nos trouxeram uma oportunidade pedagógica. Há de se avançar e olhar para frente (Boto,2022).

Também, corroborando com a discussão, Palú salienta que:

Dessa forma, sabemos que as transformações que nos foram vivenciadas nesses últimos quatro meses, com o surgimento da nova pandemia do COVID-19, fizeram com que passamos a enxergar e perceber situações inimagináveis. Nossas mentes foram expostas a situações jamais vistas. Nossa forma de ensinar e aprender foram atingidas de tal maneira, que para muitos essa forma de ensino seria a ruína da escola. No entanto, podemos afirmar que a escola de fato é um espaço de reinventar-se, na qual os principais personagens, não habituados com esse novo enredo, assumem papéis nunca vistos, inéditos, e para a surpresa de muitos tornam-se os grandes protagonistas de toda essa história.

A educação em Período Remoto está sendo algo totalmente inovador, desafiador. Jamais poderíamos imaginar que um dia nos afastaríamos de tal forma que nosso meio de interação seria a tão temida tecnologia. Mesmo com tantos empecilhos e descrenças, fomos encontrando estratégias e subsídios para nos apropriar e compreender esse novo cenário da educação. Este é o assunto com o qual queremos conversar com vocês a partir desse momento. (PALÚ, *et al.*, 2020, p.236)

A situação, ora vivenciada, tem desafiado a sociedade e demandado essencialmente dos profissionais da educação e dos estudantes romper com práticas tradicionais arraigadas e atividades que tentam, a todo custo, manter uma sensação de “normalidade” no processo educacional. Contudo, não podemos negar que a educação e a escola sofreram profundos impactos, especialmente no modo como se organizava a própria PP docente. (Palú *et al.*,2020)

Nesse “novo normal” os profissionais da educação precisaram repensar as formas de interação e mediação a serem utilizadas no processo ensino-aprendizagem, uma vez que foram obrigados a se reinventar e promover alternativas capazes de proporcionar aos alunos o acesso ao conhecimento, em uma tentativa desesperada de “salvar” o ano letivo. Os professores, cada um a seu modo, foram trazendo a lume suas práticas pedagógicas, uns tentando se reinventar, inovando suas práticas, outros mantendo olhares atentos à sua própria concepção de ensino e de aprendizagem resistentes à mudança, e outros ainda, perdidos e angustiados sem saber por onde começar.



Esta “nova realidade” também amplia o espaço para o debate e a reflexão em torno de questões que tem permeado historicamente a educação. Ao relacionar o momento atual comparando-o ao caminho histórico já trilhado pela educação anteriormente, ganha espaço processos de inovação pedagógica, de autorregulação, de construção da autonomia, necessários a professores e alunos para a superação do fracasso escolar, bem como, das competências e habilidades que o professor necessita para enfrentar os desafios que emergem da docência e da cultura digital (elementos que alicerçam o fazer pedagógico na contemporaneidade), em tempos de crise. (Palu *et al.*,2020)

As escolas estão operando verdadeiros milagres para não parar o ano letivo. Aulas a distância por videoconferência, vídeos com tarefas e explicações, indicações de leitura, material enviado via aplicativos, e-mail, WhatsApp etc. As instituições de ensino e os professores estão se reinventando e fazendo, cada vez mais, uso de ferramentas e plataformas digitais. Exemplos de boas práticas educacionais em tempos de covid-19 não faltam. A pandemia de covid-19 fez com que professores de todo o país trocassem os quadros e as carteiras escolares pelas telas e pelos aplicativos digitais.

Apesar do EAD já ser uma realidade na educação brasileira, ele estava direcionado quase que na sua totalidade para o Ensino Superior, sendo outra parte para os cursos técnicos profissionalizantes. Na Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio), a regra geral das escolas, quando utilizavam, tendia para o EAD apenas como forma de educação complementar, sendo autorizado o EAD para casos específicos do Ensino Médio, especialmente para cursos profissionalizantes. A covid-19 nos levou a uma dessas situações emergenciais.

A pandemia afastou os alunos presenciais, da educação básica e do ensino superior, das salas de aula. Os gestores educacionais ficaram naturalmente atônitos e a reação demorou um pouco a ocorrer. Surgiram, então, as necessidades de adaptação e de superação, tanto por parte da gestão, dos docentes quanto pelos discentes, incluindo toda a sociedade. Em momentos como esse, torna-se necessário repensarmos a educação e todos os seus processos. A educação está sendo modificada pela adaptação docente e discente, acerca de diversos programas, aplicativos, ferramentas que passaram a ser utilizadas na educação.

Como diz Freire (2002, p. 52) “[...]ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção”. A pandemia nos impôs repensar a maneira com que o professor se relaciona com o estudante e os métodos utilizados para ensinar e avaliar, mas ainda de acordo com o mesmo autor compõe o pensar certo ter “[...] disponibilidade ao risco, a aceitação do novo que não pode ser negado ou acolhido só porque é novo, assim como o critério de recusa ao velho.” (Freire, 2002, p. 39).

Nas palavras de Libâneo,

O novo professor precisaria, no mínimo, de uma cultura geral mais ampliada, capacidade de aprender a aprender, competência para saber agir na sala de aula, habilidades comunicativas, domínio da linguagem informacional, saber usar meios de comunicação e articular as aulas com as mídias e multimídias. (Libâneo, 2010, p. 04):

Tudo o que é novo causa um sentimento “estranho”. Assustar-se com o “nunca visto” reside no fato de que a maioria dos conhecimentos está fora da gente. Por mais estudioso que um humano seja, por mais que se esforce em aprender, ele sempre será surpreendido pelo desconhecido: nesse momento, a sensação que sentimos, nos conceitos da educação intercultural, é denominada como “estranhamento” (Bhabha, 2010).

A maior preocupação diante da pandemia é exatamente encontrar possibilidades e estratégias para reduzir os efeitos negativos do isolamento temporário, mas precisamos ficar atentos às evidências que nos indicam lacunas de diversas naturezas que certamente serão criadas pela falta da interação presencial. Santos nos chama atenção para importante discussão:

Não basta ter acesso ao computador conectado à internet. É preciso, além de ter acesso aos meios digitais e sua infraestrutura, vivenciar a cultura digital com autoria criadora e cidadã. Saber buscar e tratar a informação em rede, transformar informação em conhecimento, comunicar-se em rede, produzir textos em várias linguagens e suportes são saberes fundamentais para a integração e autoria na cibercultura. (Santos, 2014, p. 83).

De acordo com Nóvoa (2011) nada substitui um bom professor em uma escola centrada na aprendizagem, porque:

A docência não é um trabalho cujo objeto é constituído de matéria inerte ou de símbolos, mas de relações humanas com pessoas capazes de iniciativa e dotadas de uma certa capacidade de resistir ou de participar da ação dos professores (Tardif; Lessard, 2008, p. 35).

Ou seja, novas metodologias ou metodologias ativas, não serão significados de sucesso sem o engajamento dos profissionais da educação.

### **3 Metodologia**

No que se refere aos seus procedimentos práticos, este artigo é um estudo de natureza bibliográfica e qualitativa acerca da temática: O ensino de filosofia na educação básica pós pandemia: a volta do ensino presencial.

A pesquisa foi realizada por meio da leitura sistemática e produção de fichamentos, a partir de livros, artigos, fontes eletrônicas e questionário que abordam o tema proposto.

Para coleta de dados, foi feita a leitura de sites com informações oficiais e seguras com relação ao tema. As fontes foram utilizadas para descrever, analisar e reafirmar a importância da abordagem do tema escolhido e, nos quais conseguimos manter um “diálogo” e confirmar as premissas estabelecidas, sem pretensão de esgotar o assunto em questão, ao contrário, encorajar um leque de discussões em trabalhos futuros.

#### **4 Considerações finais**

A pandemia modificou as relações de afetividade e de comunicação das pessoas. Muitas foram as formas de contaminação pelo vírus, em virtude da alta taxa de transmissão e da letalidade, especialmente em idosos.

Entre as medidas principais para se evitar a disseminação do vírus foram distanciamento social, o uso constante de máscaras e a quarentena que impactou diretamente na educação, que ocasionou o afastamento de docentes e discentes mudando sua forma tradicional de lecionar e, obrigatoriamente reiterando sua prática, fazendo uso de novos métodos e tecnologias.

Ressalta-se que após o período pandêmico, acreditamos que haverá um maior hibridismo da educação presencial com o EAD, pois cada vez mais os professores estarão preparados para o distanciamento, tendo a possibilidade factível de novas doenças coletivas futuras. Essa probabilidade nunca mais será descartada.

Contudo, a educação não deve parar, daí a necessidade da adaptação e da superação por parte de professores e de alunos, como vimos em algumas considerações apresentadas neste estudo. Em meio a um turbilhão de problemas, a educação deverá ser uma potencializadora da esperança humana, capaz de continuar auxiliando para a modificação de condutas, sempre para o bem da sociedade, em busca de sermos sujeitos melhores. Uma crise sanitária é superada, também, por uma melhor educação. Os instrumentos tecnológicos estão aí para nos auxiliarem e diminuir as distâncias.

Partindo dessas considerações finais, objetiva-se com este texto, refletir acerca dessas relações que emergem da docência e se estabelecem na PP diante do contexto atual, perspectivando, assim aproximações teóricas que nos possibilitem compreender a complexidade do fazer pedagógico dos docentes que vivenciam e trabalham em tempos pós pandêmicos.

A crise instaurada pela covid-19 produziu nas escolas um cenário de muitas mudanças. Nesta esteira, apresentamos como um dos maiores desafios a imposição da exigência de um novo perfil, que devem ter os professores para ministrar aulas nesse contexto de contradições vivenciadas dentro e fora do espaço escolar.

O trabalho remoto, o uso das tecnologias como ferramentas para mediar o processo de ensino e aprendizagem, as desigualdades no acesso e no uso as tecnologias, escancararam as dificuldades que a escola possui de encontrar mecanismos para proporcionar aos alunos as possibilidades de interação e incluí-los no processo ensino-aprendizagem e, por conseguinte, implica em encontrar formas eficientes de aprender, evidenciando as dificuldades que a escola tem de adaptar-se às novas rotinas.

Nesse momento pós pandemia, a sociedade em geral e a sociedade escolar em específico, não devem deixar esse processo estagnar, frente aos pressupostos de “normalidade” atual, com o risco de não estarmos preparados para as mudanças repentinas, que porventura as circunstâncias nos propiciar.

A Mudança de posturas frente a prática educativa nos remete a caminhar em uma perspectiva dialética e dialógica. Apontar os caminhos para tornar este processo menos impactante, implica em tomada de decisão, porém é preciso considerar que toda mudança, deve ter intencionalidades e precisa ser percebida de acordo com cada contexto vivenciado pela comunidade escolar, sem, portanto, generalizar alternativas sob o risco de cairmos no abismo do senso comum.

Moran, Masetto e Behrens (2000, p. 32), nos diz: “É importante que cada docente encontre sua maneira de sentir-se bem, comunicar-se bem, ajudar os alunos a aprenderem melhor. É importante diversificar as formas de dar aula, de realizar atividades, de avaliar”.

A nova forma de lecionar nos mostrou uma realidade que provocou inquietações, angústias, críticas e reflexões, mas, que ainda demanda ações efetivas no sentido de preparar a escola e seus profissionais para enfrentarem situações tão imprevisíveis como a vislumbrada atualmente.

O que fica evidente nesse período pós pandemia é que podemos observar as mudanças, no sentido de dar continuidade ao processo de ensino e aprendizagem de maneira on-line, e com isso novas metodologias serão acrescentadas, tendo em vista a busca pelo ensino de qualidade. O sistema remoto e híbrido, irão caminhar de “mãos dadas” com o presencial.

Por fim, ainda há muito para mudar e transformar. A pandemia nos deu oportunidade de aprendermos muito e de tornar a escola diferente e desafiadora. Afinal, “é em momentos de parada no cotidiano da vida que o homem comum revê o significado de seus atos e pensamentos

e é levado a refletir sobre eles” (Aranha; Martins, 1993 *apud* Faria, 2015, p.139), e nesse interim, a filosofia nesses novos tempos, como não poderia deixar de ser, coloca em “xeque” aquela “velha” indagação: quem somos? De onde viemos? E para onde vamos?

## Referências

BEHRENS, M. A. **O paradigma emergente e a prática pedagógica**. Curitiba: Champagnat, 2000.

BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

BOTO, C. **A Educação e a escola em tempos de corona vírus**. Jornal USP. Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/a-educacao-e-a-escola-em-tempos-de-coronavirus>. Acesso em: 05 jan. 2022.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Brasília: MEC/SEMTEC, 2002.

CARVALHO, R. de Q. **Tecnologia e trabalho industrial: as explicações sociais da automação microeletrônica na indústria automobilística**. Porto Alegre: L&PM, 1987.

DATASENADO. **Impactos da pandemia na educação do Brasil**. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/institucional/datasetado/materias/pesquisas/impactos-da-pandemia-na-educacao-no-brasil>. Acesso em: 23 jun. 2022.

FARIA, A. A. **Educação em filosofia na contemporaneidade: produção de materiais e sistemas de ensino em filosofia**. Curitiba: Intersaberes, 2015.

FERREIRA, W. J. Ensinar e aprender Filosofia num contexto de morte do desejo de filosofar. **Filosofia e Educação**, Campinas, SP, v. 3, n. 1, p. 336-351, 2011. DOI: <https://doi.org/10.20396/rfe.v3i1.8635484>. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/view/8635484>. Acesso em: 06 jun. 2022.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 23 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GOTO, R. (Org.). **A filosofia e seu ensino**. São Paulo: Loyola, 2009.

LE BOTERF, G. **Desenvolvendo a competência dos profissionais**. São Paulo: Artmed, 2003.

LIBÂNEO, J. O ensino da Didática, das metodologias específicas e dos conteúdos específicos do ensino fundamental nos currículos dos cursos de Pedagogia. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, [s. l.], v. 91, n. 229, p. 562-583, 2010. DOI: <https://doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.91i229.630>. Disponível em: <https://rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/rbep/article/view/2892>. Acesso em: 06 jun. 2022.

LIPMAN, M.; SHARP, A. M.; OSCANYAN, F. S. **A filosofia na sala de aula**. São Paulo: Nova Alexandria, 2001.

MORAES, M. C. M. de. A teoria tem consequências: indagações sobre o conhecimento no campo da educação. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 30, n. 107, p. 585-607, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/ZS6HLdsDxjnLbHqkW5hnh9w/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 jun. 2022.

MORAN, J. M.; MASETTO, M; T.; BEHRENS, M;  
A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus, 2000.

NIETZSCHE, F. Considerações extemporâneas. In: NIETZSCHE, F. **Obras incompletas**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

NÓVOA, A. **O regresso dos professores**. Pinhais: Mello, 2011.

PALÚ, J.; SCHÜTZ, J. A.; MAYER, L. **Desafios da educação em tempos de pandemia**. Cruz Alta: Ilustração, 2020

SANTOS, E. **Pesquisa-formação na cibercultura**. Santo Tirso: White Books, 2014.

TARDIF, M.; LESSARD, C. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. Petrópolis: Vozes, 2008.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. Nota Técnica. **O retorno às aulas presenciais no contexto da pandemia da covid-19**. On-line, 2020. Disponível em: <https://static.poder360.com.br/2020/05/todos-pela-educacao.pdf>. Acesso em: 10 de jun. 2022.